

A PERCEPÇÃO DE PESCADORES ARTESANAIS SOBRE A CONSERVAÇÃO DE TARTARUGAS MARINHAS NA REGIÃO DE SANTA CATARINA

CALDERAN, Larissa Tieppo¹
JÚNIOR, Edvaldo Geraldo²

RESUMO

As tartarugas marinhas desempenham um papel essencial na manutenção do equilíbrio ecológico dos ecossistemas marinhos, contribuindo para a estabilidade de habitats como recife de corais, praias e estuários. Contudo, estão entre os grupos mais ameaçados pelas atividades humanas, sendo a captura incidental uma das principais causas de mortalidade. Este estudo teve como objetivo investigar a percepção ambiental de pescadores artesanais da região litorânea de Santa Catarina e analisar se o nível de conscientização influencia mudanças nas práticas de pesca relacionadas a conservação das tartarugas marinhas. A pesquisa, de natureza aplicada e caráter descritivo exploratório, adotou abordagem qualitativa e foi conduzida por meio de questionários semiestruturados aplicados a pescadores de Florianópolis, Laguna e Itapirubá. As perguntas buscaram compreender o perfil socioeconômico dos pescadores, suas percepções sobre tartarugas marinhas e as possíveis modificações em suas práticas em função da presença desses animais. A valorização dos saberes tradicionais e o diálogo com o conhecimento científico são aspectos centrais deste trabalho, que propõe fortalecer a integração entre conservação e sustentabilidade social. Espera-se que os resultados contribuam para o desenvolvimento de estratégias participativas de manejo e educação ambiental, promovendo a coexistência entre a pesca artesanal e a preservação da biodiversidade marinha.

PALAVRAS-CHAVE: Tartarugas Marinhas. Pesca Artesanal. Captura Incidental. Conservação.

1. INTRODUÇÃO

As tartarugas marinhas desempenham um papel ecológico fundamental para os ecossistemas marinhos, contribuindo para o equilíbrio da cadeia alimentar e para a manutenção de habitats essenciais, como os de recifes de corais. Entretanto, esses animais estão entre os grupos mais vulneráveis às ameaças de origem antrópicas, sendo a captura incidental em atividades pesqueiras uma das grandes preocupações e desafios para a sua conservação (MARCOVALDI *et al.*, 2011).

Diversas modalidades de pesca, como as redes de emalhe, arrastos e o espinhéis em alto mar, representam riscos significativos à sobrevivência das tartarugas marinhas, em razão de seu funcionamento e baixa seletividade. Frequentemente, as tartarugas marinhas ficam presas nessas artes durante suas rotas migratórias ou em áreas de alimentação, resultando em lesões graves ou mesmo na morte por afogamento. Tais impactos comprometem diretamente na recuperação e na população da espécie, especialmente se considerarmos que são animais de crescimento lento e com baixa taxa reprodutiva (OTTONI-NETO *et al.*, 2011).

Em diversas regiões costeiras, a pesca artesanal representa uma atividade tradicional, e de sustento para algumas famílias e comunidades, onde esses pescadores possuem contato direto e

¹ Médica Veterinária graduada pelo Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: ltcalderan27@outlook.com

² Professor do Centro Universitário FAG. E-mail: edvaldogeraldojr@gmail.com

frequente com o ambiente marinho, o que os tornam atores importantes no contexto da conservação. Compreender a percepção desses profissionais acerca das tartarugas marinhas junto com as estratégias de preservação é essencial para promover não apenas um diálogo construtivo, mas também um convívio efetivo entre os saberes locais e conhecimentos científicos (NOGUEIRA, 2012).

A valorização da percepção dos pescadores artesanais, aliada a interpretação de estudos científicos, pode contribuir significativamente para a conservação da vida marinha e, ao mesmo tempo, para a sustentabilidade das comunidades pesqueiras que dependem desses recursos. Assim, a interação entre pesca e fauna marinha, são compreendidas como essenciais, para manter o equilíbrio ecológico e desenvolvimento de estratégias de mitigação que sejam eficazes, participativas e viáveis para ambas as partes.

Este estudo tem como objetivo analisar a percepção dos pescadores artesanais da região de Santa Catarina, por meio da aplicação de um questionário de abordagem quali-quantitativa. Busca-se investigar se os níveis de conscientização ambiental desses profissionais influenciam mudanças comportamentais relacionadas à atividade pesqueira, sustentando a hipótese de que o conhecimento e a sensibilização sobre a conservação das tartarugas marinhas contribuem positivamente para a adoção de práticas e hábitos mais sustentáveis entre os pescadores artesanais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PESCADORES ARTESANAIS

No Brasil, a pesca artesanal é praticada ao longo de toda a costa, utilizando diferentes sistemas de produção que exploram uma ampla variedade de espécies, de acordo com as características fisiográficas e as condições ambientais de cada região. Os principais petrechos utilizados na pesca artesanal, incluem o arrasto, o espinhel pelágico e de fundo, as redes de emalhe ou de espera, as redes de cerco, além de armadilhas e diferentes tipos de anzóis, tanto artesanais quanto comerciais (NOGUEIRA, 2012).

Em contraste, a pesca industrial é caracterizada pelo modelo empresarial, utilizando embarcações de grande porte e motorizadas, equipadas com tecnologias de captura mais sofisticadas, que permitem maior autonomia de navegação e atuação em áreas distantes da costa. Essa frota, com alta capacidade produtiva, costuma ser direcionada à captura de determinadas espécies, exercendo maior pressão sobre os estoques pesqueiros e intensificando os impactos ambientais quando comparada à pesca artesanal (FRÉDOU *et al.*, 2009).

Os pescadores artesanais são, em sua maioria, trabalhadores autônomos que exercem a atividade individualmente, em regime familiar ou de forma comunitária, frequentemente organizados em sistemas de partilha. Essa prática pode representar tanto uma ocupação principal quanto secundária, sendo a base de subsistência de muitas famílias. As capturas destinam-se ao consumo próprio e à comercialização em mercados locais, reforçando o vínculo dessa atividade com a economia e a cultura das comunidades costeiras (FREITAS; BOTERO; GARCEZ, 2022).

A pesca artesanal, embora exerça papel fundamental na integração econômica, social e cultural das comunidades costeiras, segue marginalizada frente às políticas públicas que privilegiam a pesca industrial. Essa desigualdade contribui para desafios globais, como a sobrepesca, o declínio dos estoques pesqueiros e a perda de biodiversidade, além de comprometer os esforços de conservação marinha (PEREIRA *et al.*, 2024).

A estreita relação das comunidades tradicionais com os recursos naturais favorece um conhecimento aprofundado do ambiente em que estão inseridas, o que as torna aliados potenciais nos processos de conservação. O principal desafio consiste em promover a compreensão da relevância dessa conservação, que frequentemente exige limitações no uso dos recursos. Esse processo propõe o envolvimento das comunidades locais, compartilhando tanto as responsabilidades quanto os benefícios da conservação (PUPO; SOTO; HANAZAKI, 2006).

Quando o conhecimento científico se junta ao saber tradicional, como o de comunidades pesqueiras, cria-se uma rede de aprendizado que valoriza tanto a experiência local quanto a ciência. A educação ambiental surge, então, como um caminho para fortalecer essa relação, transmitindo conhecimentos ecológicos e socioculturais. Assim, diferentes saberes se complementam e ajudam a construir estratégias para proteger a natureza em espaços formais e informais (MENESES, 2018).

2.2 TARTARUGAS MARINHAS

As tartarugas marinhas representam um papel fundamental para questões ecológicas e de conservação, com uma ampla distribuição entre as bacias oceânicas, podendo ser encontradas desde regiões tropicais até regiões subpolares. Atualmente, existem sete espécies de tartarugas marinhas, sendo cinco delas presentes no litoral brasileiro (CHERVENKA, 2023).

Entre essas espécies estão presentes a *Chelonia mydas* (Tartaruga-verde), *Caretta caretta* (Tartaruga-cabeçuda), *Eretmochelys imbricata* (Tartaruga-de-pente), *Lepidochelys olivácea* (Tartaruga-oliva), *Dermochelys coriacea* (Tartaruga-de-couro). A espécie *Lepidochelys kempii* (Tartaruga-de-kemp) é encontrada principalmente ao Golfo do México e na costa oriental dos Estados

Unidos, já a *Natator depressus* (Tartaruga australiana) é encontrada exclusivamente no continente australiano, sendo apenas essas duas espécies não encontradas no Brasil (CHERVENKA, 2023).

As tartarugas marinhas desempenham um papel fundamental na manutenção do equilíbrio dos ecossistemas marinhos, contribuindo significativamente para a saúde e a estabilidade de habitats como recifes de corais, estuários e praias arenosas. Suas funções ecológicas são essenciais para a dinâmica trófica e a integridade ambiental dessas áreas. Além do valor ecológico, as tartarugas também possuem relevância cultural e econômica, destacam-se como fortes atrativos para o desenvolvimento local, uma vez que as atividades voltadas à sua conservação geram empregos, envolvimento turístico e promovem a melhoria das condições de vida em comunidades costeiras, influenciando com iniciativas sustentáveis e de base comunitária (CARVALHO *et al.*, 2021).

O ciclo de vida das tartarugas marinhas é longo e complexo, caracterizado por maturação sexual tardia, migrações transoceânicas, reprodução sazonal e uma forte dependência de habitats costeiros e marinhos para alimentação e nidificação. Esses fatores tornam as populações altamente sensíveis a pressões antrópicas, como a degradação ambiental, poluição, urbanização costeira e, principalmente, a captura incidental em atividades pesqueiras. Como consequência, observam-se quedas significativas nas populações dessas espécies, que possuem baixa taxa reprodutiva e elevada mortalidade em fases iniciais da vida (REIS; GOLDBERG, 2017).

Atualmente todas as sete espécies de tartaruga estão incluídas nas listas de espécies ameaçadas de extinção em escala mundial e nacional. Considerando a atividade pesqueira a principal causa de morte das tartarugas marinhas, onde a intensificação da pesca e a deficiência de fiscalização dessas atividades acabam agravando ainda mais esse problema (ICMBIO, 2018).

No Brasil, artes de pesca como redes de emalhe, espinhéis e redes de arrasto para peixes e camarões são as que mais contribuem para a mortalidade dessas espécies. Em muitos casos, as tartarugas ficam presas aos petrechos e não conseguem retornar à superfície para respirar, resultando em morte por asfixia. Ainda que algumas interações não deixem marcas visíveis, a ausência de lesões externas não descarta a ocorrência de óbito, o que pode levar à subestimação das taxas de mortalidade relacionadas à atividade pesqueira (COSTA, 2019).

Fica evidente que a captura incidental de tartarugas marinhas representa não apenas uma grave ameaça à sobrevivência dessas espécies, mas também um obstáculo para a própria atividade pesqueira. Além de contribuir para o declínio populacional das tartarugas, essa interação indesejada ocasiona prejuízos aos pescadores, uma vez que reduz a captura das espécies-alvo, provoca danos aos apetrechos de pesca e atrasa as operações no mar (STEIGLEDER, 2022).

3. MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem qualitativa e quantitativa, de caráter descritivo e exploratório. O estudo foi conduzido por meio de levantamento de campo, utilizando questionários semiestruturados aplicados a pescadores artesanais atuantes em comunidades litorâneas de Santa Catarina.

Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e concordaram em participar de forma voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Fundação Assis Gurgacz, atendendo às normas da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisa foi conduzida na região de Florianópolis, Laguna e Itapirubá. O público-alvo foi composto por pescadores artesanais de idade igual ou maior do que 30 anos, com o objetivo de avaliar a percepção desses profissionais que possuem contato com essa realidade no dia a dia, oferecendo uma análise sobre a interação da pesca artesanal e a conservação de tartarugas marinhas.

A coleta de dados foi realizada no mês de outubro de 2025, por meio da aplicação de um questionário estruturado, disponibilizado tanto em formato impresso quanto digital, através da plataforma Google Formulários. O instrumento continha 20 perguntas, entre objetivas e discursivas, e resultou na obtenção e análise de 27 respostas.

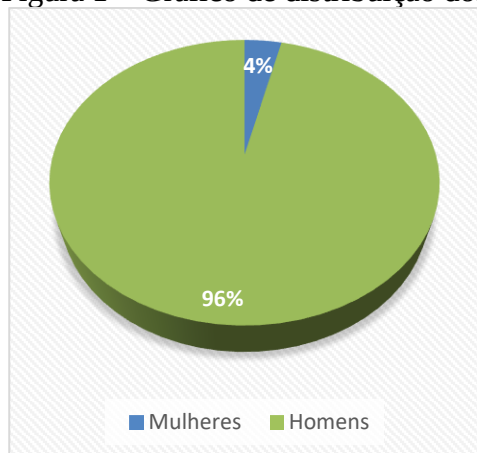
4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa teve como objetivo compreender se a conscientização sobre a conservação das tartarugas marinhas tem influenciado positivamente na mudança de hábitos ou práticas de pesca entre pescadores artesanais da região de Santa Catarina. Ao analisar as respostas dos 27 participantes, foi possível observar aspectos relevantes sobre o perfil socioeconômico, o conhecimento ambiental e a percepção ecológica desses trabalhadores, bem como a relação entre suas práticas e a conservação desses animais.

4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

A amostra foi composta majoritariamente por homens (96%), com apenas uma participante do sexo feminino (4%) (Figura 1). Essa predominância masculina reforça a caracterização da pesca artesanal como uma atividade tradicionalmente associada ao trabalho dos homens, em que as mulheres atuam de forma indireta e pouco reconhecida.

Figura 1 – Gráfico de distribuição dos participantes segundo o sexo.



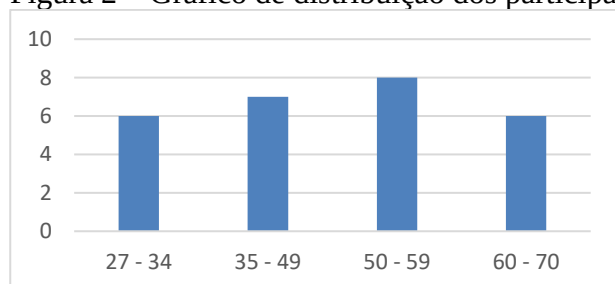
Fonte: Arquivo Pessoal.

Cavalcante *et al.* (2018) destacam que a pesca é um espaço marcado por desigualdades de gênero, em que os homens atuam majoritariamente nas capturas e as mulheres em funções secundárias. Essa baixa participação feminina reflete a persistência dessas desigualdades, mas também aponta para um potencial de maior inclusão das mulheres em projetos de conservação e manejo sustentável.

Além das diferenças de gênero, o perfil dos participantes também revela uma distribuição etária característica das comunidades pesqueiras tradicionais. A faixa etária predominante foi superior a 30 anos, com idades variando entre 27 e 70 anos (Figura 2). Essa predominância de indivíduos mais velhos reflete um padrão amplamente documentado em comunidades pesqueiras.

De acordo com Meireles *et al.* (2016), essa característica é comum, sendo a pesca uma prática frequentemente aprendida na infância e mantida como principal fonte de sustento ao longo da vida. A baixa participação dos jovens pode estar associada a busca por outras oportunidades de trabalho, um fator que pode refletir em mudanças sociais e econômicas nas comunidades pesqueiras.

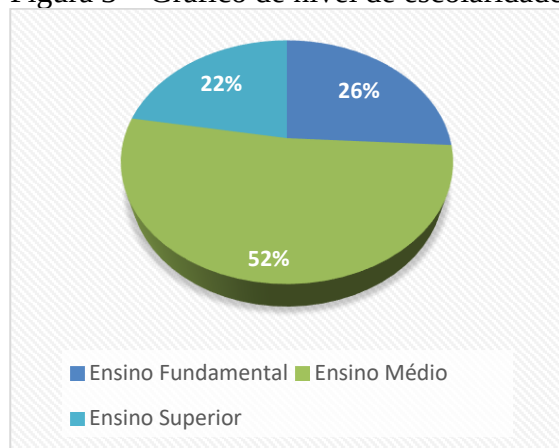
Figura 2 – Gráfico de distribuição dos participantes segundo a faixa etária.



Fonte: Arquivo Pessoal.

No que se refere ao nível de escolaridade, observou-se que 52% dos pescadores concluíram o ensino médio, 26% possuem ensino fundamental e 22% têm ensino superior (Figura 3). Esse resultado demonstra um nível educacional relativamente elevado em comparação com a média nacional para comunidades pesqueiras.

Figura 3 – Gráfico de nível de escolaridade dos participantes entrevistados.

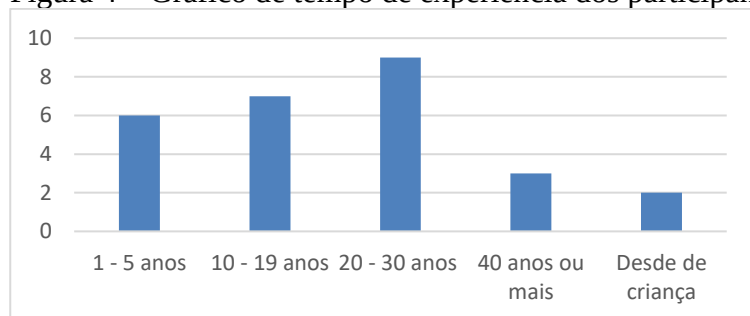


Fonte: Arquivo Pessoal.

Segundo Alencar e Maia (2011), é comum que a maioria dos pescadores artesanais no Brasil apresente baixo nível de escolaridade. Esse fator é relevante, pois pode limitar o acesso desses profissionais as políticas públicas e as alternativas de profissionalização. Nesse contexto, o número expressivo de pescadores com ensino médio e superior identificado neste estudo representa um dado significativo, indicando avanços no perfil educacional desses pescadores.

Em complemento aos aspectos educacionais, a experiência na atividade pesqueira também apresentou grande variação, indo de 1 a 60 anos, sendo comum a expressão “desde criança” (Figura 4). Essa amplitude e o início precoce reforçam a profunda relação desses indivíduos com o mar e a natureza familiar e artesanal da pesca que praticam.

Figura 4 – Gráfico de tempo de experiência dos participantes na atividade pesqueira.



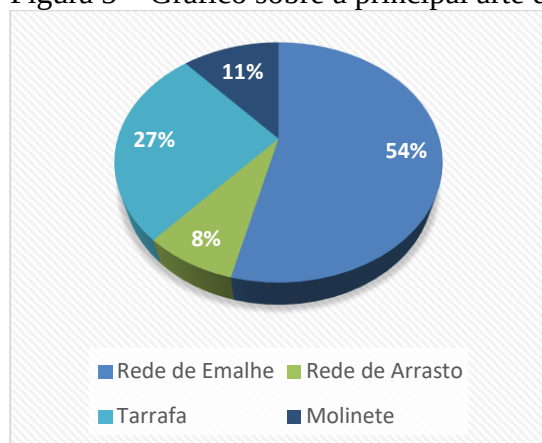
Fonte: Arquivo Pessoal.

Conforme destaca Nogueira (2012), a prática pesqueira em comunidades litorâneas está profundamente associada a transmissão de saberes tradicionais entre gerações, constituindo não apenas uma fonte de renda, mas um modo de vida e identidade social. A longevidade da experiência reflete, portanto, o caráter tradicional e contínuo da pesca, que é sustentado por valores culturais e pelo conhecimento empírico acumulado ao longo do tempo.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE PESQUEIRA

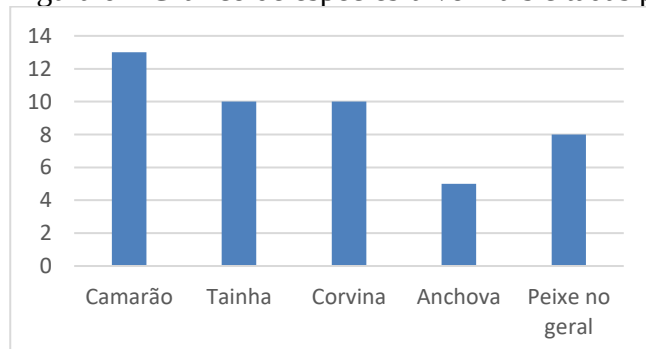
As principais artes de pesca utilizadas foram as redes de emalhe (54%), seguidas pela tarrafa (27%), molinete (11%) e rede de arrasto (8%) (Figura 5). As espécies mais capturadas incluem tainha, camarão, corvina e anchova (Figura 6), espécies comuns na região Sul do Brasil e de grande importância econômica. A frequência de pesca semanal mostrou-se elevada, com 31% dos pescadores atuando cinco vezes por semana e 19% exercendo a atividade diariamente (Figura 7).

Figura 5 – Gráfico sobre a principal arte de pesca utilizado pelos participantes entrevistados.



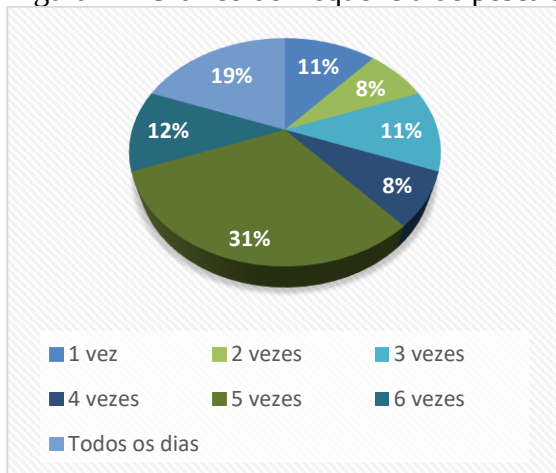
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 6 – Gráfico de espécies-alvo mais citadas pelos pescadores artesanais.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 7 – Gráfico de frequência de pesca semanal dos participantes entrevistados.



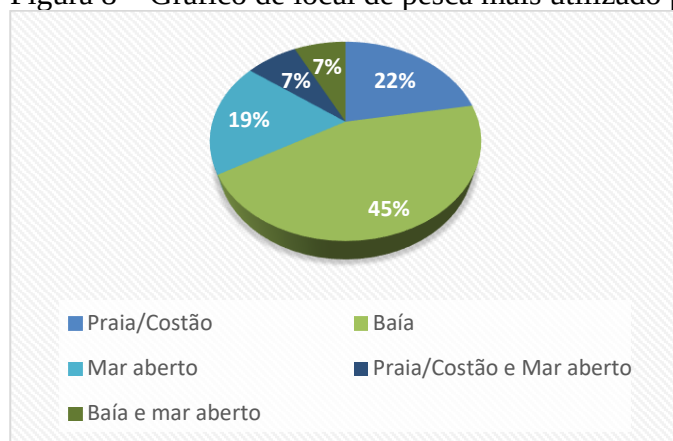
Fonte: Arquivo Pessoal.

A predominância do uso de redes de emalhe entre os pescadores entrevistados reflete uma tendência amplamente observada em comunidades costeiras brasileiras. De acordo com o *Levantamento das Principais Artes de Pesca* realizado pelo Projeto Tamar (2013) no litoral do Ceará, as redes de emalhe constituem o petrecho mais citado pelos pescadores artesanais, em razão de sua eficiência na captura de espécies como tainha, camarão, corvina e anchova.

Além disso, a elevada frequência semanal de atividade observada neste estudo evidencia a forte dependência econômica dos pescadores em relação à pesca artesanal. Esses resultados corroboram as conclusões do relatório do Projeto Tamar (2013), que aponta a pesca artesanal como a principal fonte de subsistência e renda das comunidades pesqueiras monitoradas.

Nesse contexto, a análise dos locais de pesca reforça o vínculo entre as práticas pesqueiras e os ambientes costeiros da região. Os locais mais utilizados foram as baías (45%), seguidas por praias e costões (22%) e mar aberto (19%) (Figura 8). Essas áreas coincidem com importantes zonas de alimentação e deslocamento de tartarugas marinhas, o que explica a recorrência de interações entre pescadores e esses animais.

Figura 8 – Gráfico de local de pesca mais utilizado pelos participantes entrevistados.



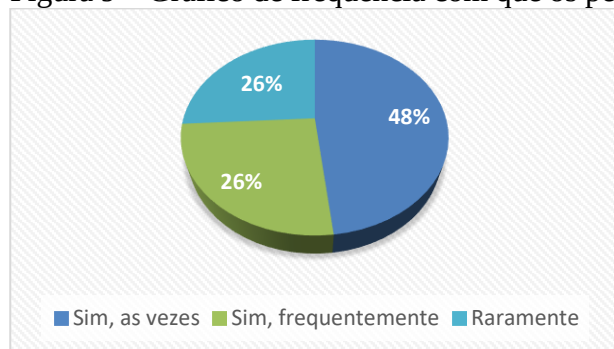
Fonte: Arquivo Pessoal.

De acordo com Cremer *et al.* (2020), esses ambientes correspondem a áreas essenciais para a alimentação e permanência de tartarugas marinhas. Os autores destacam que baías e costões abrigam elevada disponibilidade de macroalgas e outros recursos que atraem indivíduos juvenis de *Chelonia mydas* (tartaruga-verde), espécie predominante na região.

4.3 INTERAÇÃO COM TARTARUGAS MARINHAS

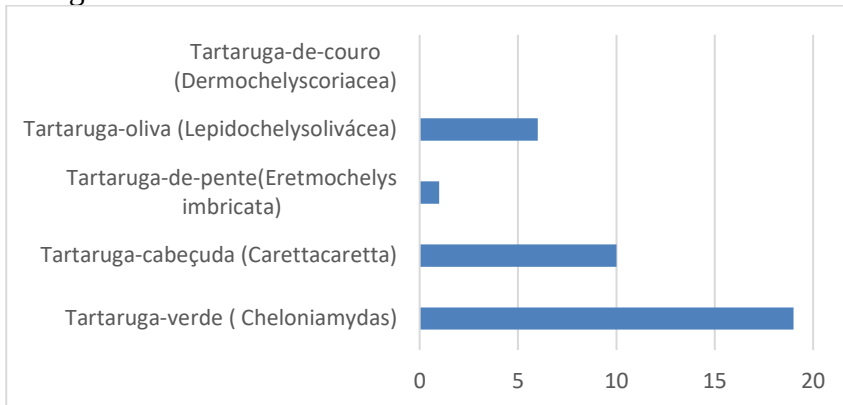
Dentre os pescadores entrevistados, todos relataram já ter se deparado com tartarugas marinhas durante suas atividades de pesca. Entre eles, 48% afirmaram que esses encontros ocorrem com frequência, enquanto 26% relataram ocorrer de forma ocasional e 26% apenas raramente (Figura 9). As espécies mais mencionadas foram a tartaruga-verde (*Chelonia mydas*) e a tartaruga-cabeçuda (*Caretta caretta*) (Figura 10).

Figura 9 – Gráfico de frequência com que os pescadores relatam se deparar com tartarugas marinhas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 10 – Gráfico de percepção dos pescadores quanto as espécies de tartarugas marinhas presentes na região.

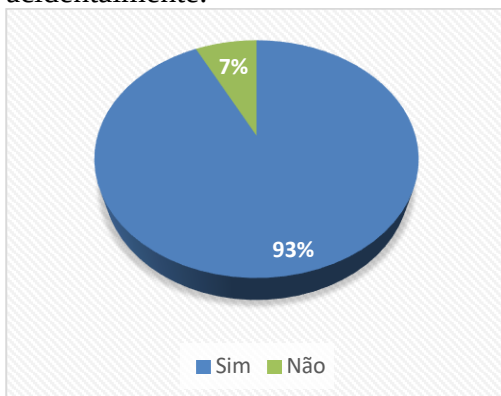


Fonte: Arquivo Pessoal.

A elevada frequência de encontros entre pescadores e tartarugas marinhas observada neste estudo evidencia a sobreposição entre as áreas de pesca artesanal e as zonas de ocorrência desses animais. Resultados semelhantes foram descritos por Silva, Fiedler e Marenzi (2007), que registraram relatos de capturas incidentais de tartarugas marinhas por pescadores da Praia da Canoa, em Barra Velha (SC), destacando *Chelonia mydas* e *Caretta caretta* como as espécies mais frequentemente envolvidas. Assim, a coincidência espacial entre as áreas de pesca e os habitats de alimentação dessas espécies explica a recorrência das interações observadas entre pescadores e tartarugas marinhas.

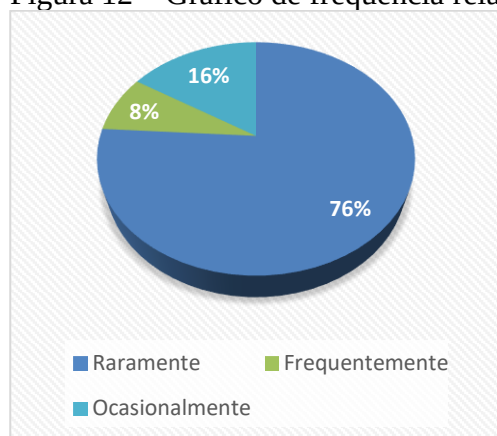
A maioria dos pescadores entrevistados (93%) afirmou já ter capturado ou presenciado a captura accidental de tartarugas marinhas (Figura 11). Apesar disso, a frequência desses eventos é considerada baixa, sendo que 76% relataram que tais ocorrências são raras (Figura 12). Em grande parte dos casos (96%), as tartarugas são devolvidas imediatamente ao mar (Figura 13).

Figura 11 – Gráfico de pescadores que já presenciaram ou capturaram tartarugas marinhas acidentalmente.



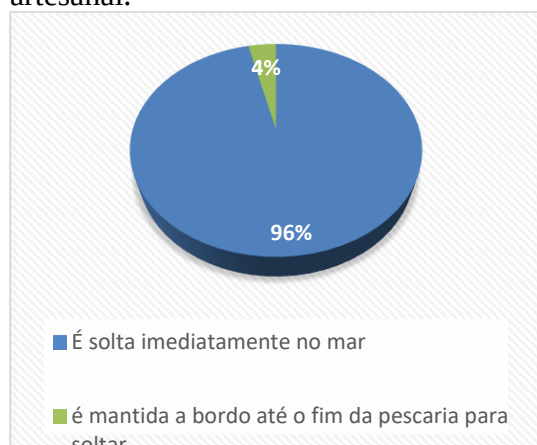
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 12 – Gráfico de frequência relatada de captura acidental de tartarugas marinhas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 13 – Gráfico do destino dado as tartarugas marinhas capturadas acidentalmente durante a pesca artesanal.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Os relatos de capturas acidentais evidenciam que as tartarugas marinhas permanecem vulneráveis aos impactos da pesca artesanal, especialmente nas regiões costeiras. Segundo Pupo, Soto e Hanazaki (2006), a sobreposição entre áreas de pesca e zonas de ocorrência das tartarugas é mais intensa em ambientes rasos, próximos a costões rochosos e fundos de pedras, locais onde o uso de redes de emalhe é predominante. Nesse contexto, *Chelonia mydas* (tartaruga-verde) destaca-se como a espécie mais afetada, em razão de seus hábitos de forrageamento recorrentes na costa catarinense.

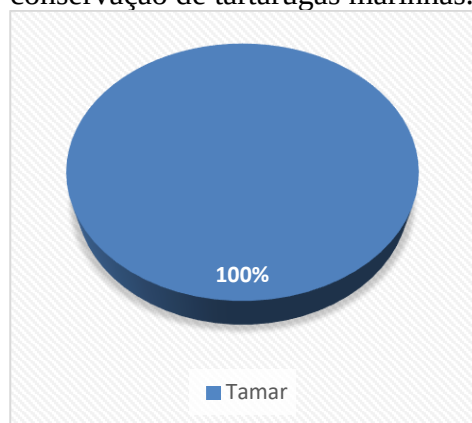
Embora a frequência de incidentes relatados pelos pescadores seja baixa, o fato de que, na maioria dos casos, as tartarugas sejam devolvidas imediatamente ao mar demonstra um avanço significativo na percepção ambiental e no reconhecimento da importância ecológica desses animais.

Essa mudança de comportamento contrasta com registros anteriores de uso ocasional da carne de tartaruga, conforme descrito por Pupo, Soto e Hanazaki (2006), indicando que a incorporação de valores voltados à conservação vem gradualmente substituindo práticas tradicionais de consumo. Tal

transformação reflete não apenas uma maior conscientização ambiental, mas também uma adaptação das comunidades pesqueiras às atuais demandas de sustentabilidade e segurança alimentar.

Em relação ao conhecimento dos pescadores sobre projetos e instituições voltados à conservação de tartarugas marinhas, 100% dos entrevistados mencionaram o Projeto Tamar (Figura 14).

Figura 14 – Gráfico de projetos e instituições mencionadas pelos pescadores relacionados a conservação de tartarugas marinhas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

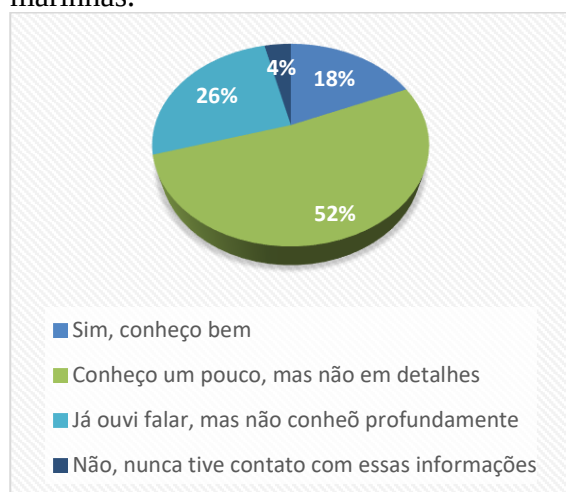
Essa familiaridade pode estar diretamente associada ao comportamento de soltura imediata após capturas acidentais, uma vez que o projeto desempenha papel fundamental na promoção de ações educativas e de sensibilização ambiental junto às comunidades costeiras. Esses resultados evidenciam a importância da integração entre o conhecimento tradicional dos pescadores e as estratégias científicas de conservação, fortalecendo o engajamento local na proteção das espécies marinhas.

4.4 CONHECIMENTO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Quanto ao conhecimento das leis ambientais, 52% dos entrevistados afirmaram conhecer um pouco, mas sem domínio dos detalhes, enquanto 26% relataram apenas ter ouvido falar sobre o tema e 18% declararam conhecer bem (Figura 15).

Esse panorama de conhecimento limitado sobre a legislação ambiental é recorrente em comunidades pesqueiras artesanais, nas quais o saber tradicional está mais voltado às práticas operacionais e ao conhecimento ecológico local, conforme destacado por Brito *et al.* (2015).

Figura 15 – Gráfico do grau de conhecimento dos pescadores sobre as leis de proteção das tartarugas marinhas.

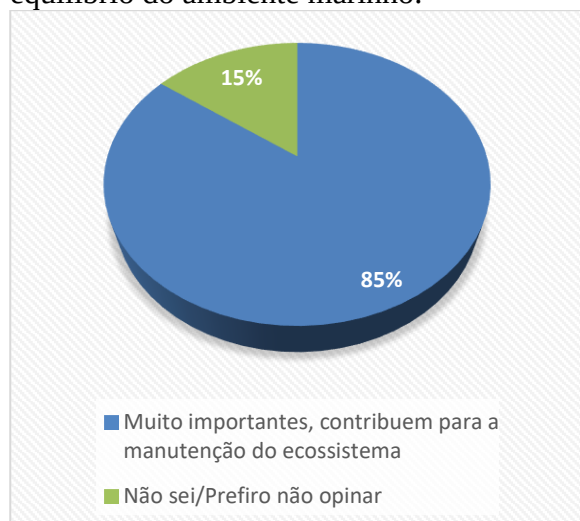


Fonte: Arquivo Pessoal.

Embora o conhecimento formal sobre a legislação ambiental ainda seja limitado, observa-se um nível expressivo de conscientização ambiental entre os pescadores, evidenciado pelo fato de 85% considerarem as tartarugas marinhas “muito importantes para o equilíbrio do ecossistema marinho” (Figura 16).

Essa percepção demonstra que, mesmo com lacunas no conhecimento técnico ou jurídico, existe uma compreensão empírica sobre o papel ecológico das tartarugas e a necessidade de preservação desses animais. Resultados semelhantes foram observados por Brito *et al.* (2015), que destacam a presença de uma consciência ambiental significativa entre pescadores artesanais, mesmo na ausência de formação formal, reforçando a importância de integrar o saber tradicional às estratégias de conservação.

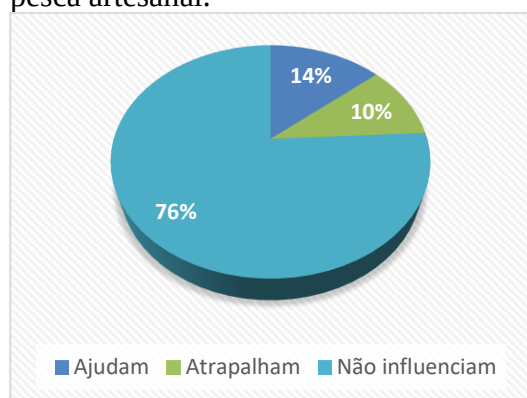
Figura 16 – Gráfico de percepção dos pescadores sobre a importância das tartarugas marinhas para o equilíbrio do ambiente marinho.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Além disso, 76% dos entrevistados afirmaram que as tartarugas marinhas não influenciam diretamente na atividade pesqueira (Figura 17), o que representa um ponto favorável à coexistência entre a pesca artesanal e a conservação da fauna marinha. Essa percepção indica que os pescadores não veem as tartarugas como competidoras por recursos nem como um obstáculo econômico, mas como parte integrante do ambiente marinho em que atuam.

Figura 17 – Gráfico de percepção dos pescadores quanto a interferência das tartarugas marinhas na pesca artesanal.



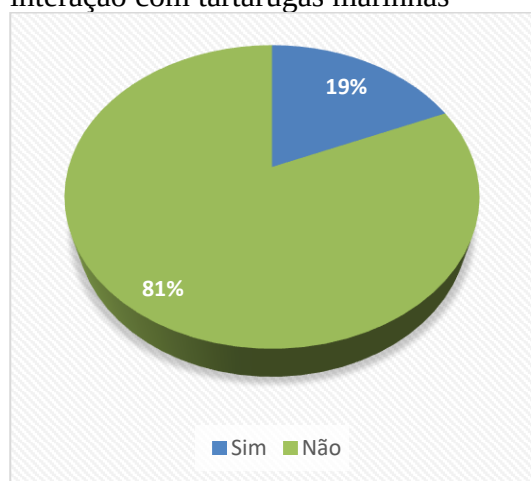
Fonte: Arquivo Pessoal.

Essa visão é corroborada por Awabdi (2019), que ao analisar o conhecimento ecológico de pescadores artesanais no estado do Rio de Janeiro, constatou que, apesar da ocorrência de capturas incidentais, as tartarugas não são percebidas como espécies que impactam negativamente as pescarias. Essa postura favorável contribui para a construção de relações de cooperação entre comunidades pesqueiras e iniciativas de conservação, facilitando o engajamento em programas de educação ambiental e fortalecendo estratégias participativas de manejo sustentável.

4.5 MUDANÇA DE PRÁTICAS E ENVOLVIMENTO NA CONSERVAÇÃO

Apesar do elevado grau de conscientização sobre a importância ecológica das tartarugas marinhas, a maioria dos entrevistados (81%) afirmou não ter modificado suas práticas de pesca em função da presença desses animais (Figura 18). Esse resultado reflete um dos principais desafios na gestão da pesca artesanal e na conservação marinha: a dificuldade de converter o conhecimento ambiental em mudanças comportamentais que possam afetar diretamente a subsistência do pescador.

Figura 18 – Gráfico das mudanças nas práticas pesqueiras relatadas pelos pescadores devido a interação com tartarugas marinhas



Fonte: Arquivo Pessoal.

A manutenção das práticas de pesca tradicionais pela maioria dos pescadores pode ser atribuída a fatores relacionados à segurança e à dependência econômica. Alterar o tipo de petrecho ou a área de atuação representa um risco potencial de redução da produtividade e, consequentemente, da renda familiar. Nesse sentido, a prioridade pela subsistência tende a se sobrepôr à adoção de medidas mitigadoras, mesmo diante de um elevado nível de conscientização ambiental, como apontado por Dal-Col (2019).

Entre os 19% dos entrevistados que afirmaram ter modificado suas práticas, destacam-se ações como evitar o uso de redes de fundo, remover espinhéis ou abandonar o uso de redes “feiticeiras”, reconhecidas por seu alto potencial de impacto ambiental. Embora representem uma minoria, essas respostas revelam a existência de pescadores dispostos a adaptar suas técnicas em prol da conservação, demonstrando que o conhecimento ambiental pode, de fato, gerar mudanças pontuais e significativas.

De acordo com Dal-Col (2019), a captura incidental de tartarugas marinhas está fortemente associada ao tipo de petrecho utilizado e ao local de atuação do pescador. Assim, as ações dessa minoria indicam a presença de indivíduos dispostos a assumir os riscos da mudança em favor da sustentabilidade. Esses pescadores desempenham papel fundamental como agentes multiplicadores, ao demonstrar que é possível ajustar técnicas para reduzir impactos sem abandonar a atividade, reforçando que o conhecimento ambiental, quando internalizado, pode se traduzir em transformações comportamentais de grande relevância ecológica.

Por outro lado, 96% dos entrevistados acreditam que os pescadores podem contribuir para a conservação das tartarugas (Figura 19). Demonstrando que, apesar da dificuldade em modificar as práticas de pesca, há um forte senso de responsabilidade e de pertencimento a solução. O

reconhecimento do papel do pescador como “guardião do mar” é uma manifestação do conhecimento ecológico local, que valoriza a convivência próxima e o monitoramento da saúde do ecossistema marinho.

As principais formas de contribuição mencionadas, como a soltura imediata dos animais capturados, a colaboração com projetos ambientais e a adaptação de equipamentos de pesca, estão alinhadas às estratégias recomendadas por Awabdi (2019) para promover uma pesca mais sustentável. Entre essas práticas, a soltura imediata das tartarugas se destaca como a medida mais eficaz e amplamente adotada, conforme verificado em estudos realizados em diferentes regiões do país (Brito *et al.*, 2015). Tal comportamento indica a consolidação de uma ética ambiental baseada no princípio de não causar dano a espécies ameaçadas, configurando-se como uma norma social positiva dentro das comunidades pesqueiras artesanais.

Figura 19 – Gráfico da percepção dos entrevistados sobre a possibilidade de os pescadores contribuírem para a conservação das tartarugas marinhas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

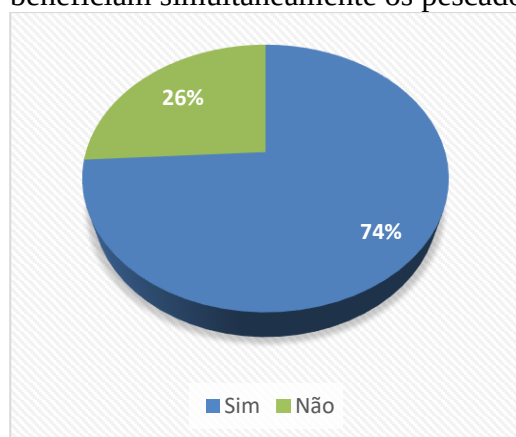
Além disso, 74% dos entrevistados acreditam ser possível desenvolver medidas que beneficiem tanto os pescadores quanto as tartarugas marinhas (Figura 20). Essa percepção demonstra não apenas abertura ao diálogo, mas também um avanço na compreensão coletiva sobre a importância da conservação, que passa a ser vista como um vetor de desenvolvimento sustentável e não apenas como uma imposição externa.

As alternativas sugeridas pelos pescadores, como incentivos econômicos, capacitação profissional, turismo de observação e manejo sustentável, revelam a busca por estratégias que conciliem a proteção ambiental com a manutenção das atividades pesqueiras, mitigando seus impactos socioeconômicos. As propostas de manejo sustentável e capacitação estão alinhadas ao que a literatura recomenda para a mitigação de impactos, como o ordenamento pesqueiro em áreas de forrageio de *Chelonia mydas*, conforme descrito por Cremer *et al.* (2018).

Além disso, a menção a incentivos e ao turismo de observação indica que os pescadores demonstram interesse em integrar suas atividades econômicas à conservação ambiental. Estudos de Awabdi (2019) e Dal-Col (2019) destacam a importância de criar canais de diálogo e de transformar o pescador em um parceiro ativo nos processos de conservação, o que inclui o desenvolvimento de atividades alternativas capazes de complementar ou substituir a renda perdida em decorrência da adoção de práticas menos impactantes.

O turismo de base comunitária, por exemplo, modelo amplamente explorado pelo Projeto Tamar, valoriza o conhecimento ecológico local dos pescadores, transformando o “guardião do mar” em educador ambiental e guia turístico. Essa perspectiva integradora representa uma base sólida para a formulação de políticas de co-manejo eficazes, que conciliam conservação e sustentabilidade socioeconômica.

Figura 20 – Gráfico de opinião dos entrevistados quanto a possibilidade de desenvolver medidas que beneficiam simultaneamente os pescadores e as tartarugas marinhas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que os pescadores artesanais da região de Santa Catarina demonstram ampla conscientização sobre a importância ecológica das tartarugas marinhas e reconhecem a necessidade de conservação. Contudo, a conversão desse conhecimento em mudanças efetivas de comportamento ainda é limitada, refletindo a dependência econômica da pesca artesanal e a persistência de práticas tradicionais.

O perfil predominante de pescadores experientes e com boa escolaridade representa um potencial importante para o fortalecimento de ações participativas de manejo e educação ambiental. Apesar da ocorrência de capturas acidentais, a maioria relatou soltar imediatamente os animais, o que indica sensibilidade ambiental e influência positiva de projetos de conservação, como o Projeto

Tamar, que contribuem para transformar o pescador em um parceiro ativo na proteção da fauna marinha.

Apesar do reconhecimento da importância das tartarugas e da percepção favorável à conservação, apenas uma parcela reduzida dos pescadores afirmou ter modificado suas práticas em função da presença desses animais. Essa resistência à mudança pode estar diretamente ligada à insegurança econômica e à falta de alternativas de sustento, evidenciando a necessidade de políticas públicas que conciliem conservação e viabilidade socioeconômica.

Nesse contexto, estratégias como o manejo participativo, o turismo de base comunitária e programas de capacitação profissional despontam como caminhos viáveis para reduzir impactos ambientais sem comprometer a subsistência das comunidades pesqueiras.

A pesquisa demonstra, portanto, que a conscientização ambiental constitui um alicerce importante, mas não suficiente, para a transformação das práticas produtivas. A efetiva mudança de comportamento depende da criação de incentivos econômicos, da valorização do conhecimento ecológico local e do fortalecimento de espaços de diálogo entre pescadores, pesquisadores e órgãos ambientais. O reconhecimento do pescador artesanal como “guardião do mar”, e não apenas como agente de impacto, representa um avanço conceitual essencial para o desenvolvimento de políticas de co-manejo que unam conservação marinha e justiça social.

Por fim, conclui-se que a conservação das tartarugas marinhas na costa catarinense deve ser compreendida como um processo coletivo, no qual a sensibilização ambiental, o respeito ao saber tradicional e o engajamento comunitário são elementos interdependentes. Ao fortalecer o papel do pescador como aliado na gestão sustentável dos recursos marinhos, é possível promover não apenas a proteção das espécies ameaçadas, mas também a valorização de modos de vida que coexistem historicamente com o mar e dele dependem para sobreviver.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, C. A. G; MAIA, L. P. Perfil socioeconômico dos pescadores brasileiros. **Arquivos de Ciências do Mar**, v. 44, 3, p.19. Fortaleza, 2011.

AWABDI, D. R. **As tartarugas marinhas e a pesca no estado do Rio de Janeiro: uma abordagem etnográfica para conservação das espécies**. Rio de Janeiro, 2019.

BRITO, T. P; OLIVEIRA, A. N. D; SILVA, D. A. C; ROCHA, J. A. S. Conhecimento ecológico e captura incidental de tartarugas marinhas em São João de Pirabas, Pará, Brasil. **Revista Biotemas**, v. 28 (3), p. 159-175, 2015.

CHERVENKA, S. T. Tartarugas Marinhas: Principais características, comportamento reprodutivo e status de ameaça. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v.4, n. 2, 2023.

CARVALHO, D. G; FÓSSE, M. K; SOUZA, M. M; REIS, G. N. A importância ecológica da conservação das tartarugas marinhas. In: **Anais do II CoBICET Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**. Espírito Santo, 2021.

COSTA, G. L. **Análise da captura incidental de tartarugas marinhas por rede de emalhe no litoral paulista, região Sudeste, Brasil. 2019**. Santos, 2019.

CREMER, M. J; SOUZA, T. F; DOMICIANO, I. G; GOLDBERG, D. W; WANDERLINDE, J. Tartarugas marinhas no litoral norte de Santa Catarina e Baía Babitonga. **Revista CEPSUL – Biodiversidade e Conservação Marinha**, v. 9, p. e020002, 2020.

CAVALCANTE, A. L; PIRES, M. M; JÚNIOR, G.J; JOSÉ, A. R. S. Relação de gênero na arte da pesca. **Gaia Scientia**, v. 12 (1), p. 210-228, 2018.

DAL-COL, S. M. **Interação de pescadores artesanais com tartarugas marinhas no município de Angra dos Reis, RJ**. Riode Janeiro, 2019.

FRÉDOU, F. L; MOURÃO, K; BARBOSA, C; ALMEIDA, O; RIVEIRO, S; THOMPSON, R. **Caracterização das pescarias industriais da costa norte do Brasil**. Belém, 2009.

FREITAS, Y. V; BOTERO, J. I. S; GARCEZ, D. S. Importância da pesca artesanal para a diversificação proteica e manutenção da segurança alimentar em comunidade litorânea do Nordeste do Brasil. **Revista Arqueol. Públi**. v. 17 p. 3. Campinas-SP, 2022.

ICMBIO - INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Sumário executivo do Plano de Ação Nacional para a conservação das tartarugas marinhas – PAN Tartarugas Marinhas**. Brasília: ICMBio, 2018.

MARCOVALDI, M. A; *et al.* Avaliação do Estado de Conservação da Tartaruga Marinha *Eretmochelys imbricata* (Linnaeus, 1766) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira** , [SI], v. 1, pág. 26-34, 2011.

MENESES, V. F. **Conhecimento local e percepção ambiental de pescadores artesanais: uma estratégia de educação ambiental**. Salvador, 2018.

MEIRELES, M. P. A; MEIRELES, V. J. S; SANTOS, L. V; BARROS, R. F. M. Perfil socioeconômico dos pescadores artesanais da comunidade Passarinho, Resex Marinha do Delta do Paraíba, Araiões/MA. **Revista Espacios**. V.38, n .13, p.16, 2016.

NOGUEIRA, M. M. **Interação de tartarugas marinhas com a pesca de arrasto de fundo de camarão no município de Ubatuba-SP**. Rio Claro, 2012.

OTTONI-NETO, G. F; *et al.* Influência da luminosidade na captura incidental de tartarugas verde (*Chenolia mydas*) e de peixes nas redes de emalhe costeiras em Ubatuba/SP. In: JORNADA SOBRE TARTARUGAS MARINHAS DO ATLÂNTICO SUL OCIDENTAL, 5., 2011, Florianópolis. **V Jornada sobre Tartarugas Marinhas do Atlântico Sul Ocidental**. Florianópolis.págs. 171-174. 2011.

PEREIRA, M. B; SILVA, M. C; FERREIRA, V. M; AMARAL, M. Z; MIZRAHI, G. A. C; CRUZ, B; PRAGANA, M. C. Desafios na pesca artesanal: uma pesquisa em comunidades pesqueiras da

região norte e noroeste do Rio de Janeiro. **Revista Caderno Pedagógico** – Studies Publicações e Editora Ltda; Curitiba, v.21, n.1, p.221-238, 2024.

PUPPO, M. M; SOTO, J. M. R; HANAZAKI, N. Captura incidental de tartarugas marinhas na pesca artesanal da Ilha de Santa Catarina, SC. **Revista Biotemas**, 19 (4), Santa Catarina, 2006.

PROJETO TAMAR. **Levantamento das principais artes de pesca utilizadas nas comunidades pesqueiras na área de atuação do projeto TAMAR-ICMBIO Regional Ceará**. p. 47, Ceará, 2013.

REIS, E. C; GOLDBERG, D. W. **Biologia, ecologia e conservação de tartarugas marinhas**. Mamíferos, quelônios e aves: caracterização ambiental regional da Bacia de Campos, Atlântico Sudoeste, (Série Habitats, v. 7). p. 63–89. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

STEIGLEDER, M. K. **Percepção de pescadores sobre a interação da pesca com as tartarugas marinhas no litoral Sul do Brasil**. Imbé, 2022.

SILVA, M. I. da; FIEDLER, F. N.; MARENZI, R. C. Etnoecologia sobre a tartaruga marinha e a sua captura incidental na pesca de pequena escala: estudo de caso na Praia da Canoa (Barra Velha/SC). **Anais do XII Congresso Latino-Americano De Ciências Do Mar – Colacmar**, 12, Florianópolis, 2007.